



A COMPREENSÃO HUMANA E A SAÚDE, A PARTIR DO ACESSO ÀS INFORMAÇÕES E DAS INTER-RELAÇÕES

Luara Spinola ¹

Resumo

O artigo pretende discutir como a internet pode alterar as relações humanas, simplificando a compreensão entre os usuários (um e outro), para formatos solitários e explicativos. A informação conectada amplia a visão humana e transfere parte da atenção do indivíduo - das relações interpessoais para as relações virtuais. E como para o ser humano é importante a relação saudável, esta coexistência transforma a vida. Para a análise foram utilizadas pesquisas divulgadas na imprensa e embasamento teórico de Edgar Morin, Martin Buber, Michel Maffesoli, Paulo Freire, Sherry Turkle, Thomas Bauer e Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Diálogo. Sociedade do consumo. Comunicação. Informação e internet. Media Literacy.

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia da informação e comunicação se transforma e transforma nossa narrativa e nosso imaginário, nossas relações e visão dos outros, o sentido que damos ao mundo e, conseqüentemente, transforma quem somos. Recentes pesquisas divulgadas na imprensa comprovam a alta penetração das novas mídias na sociedade e o conteúdo deste trabalho explora os respectivos impactos nas relações humanas.

O presente artigo pretende discutir as relações do indivíduo e as necessidades de consumo referentes à comunicação e informação, com acesso facilitado pela internet.

A percepção de controle do discurso através da relação virtual, e em paralelo a questão essencial do diálogo e relacionamento para o ser humano são a base que fundamentam o estudo. Que extrapola, inclusive, à transformação desta sociedade em mercadoria, que coloca em risco seu valor vital em troca da exibição e controle, prejudicando a própria saúde, podendo levar a casos práticos de ‘medicalização’.

¹ Docente do Centro Universitário Monte Serrat, mestre da Faculdade Cásper Líbero e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. E-mail: luara.spinola@gmail.com.



O propósito é compreender este processo considerando a relevância do monólogo e do diálogo e reconhecendo os *medias* como parte integrante.

2. SABEDORIA PARA VIVER JUNTO

Paulo Freire afirma que “o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (FREIRE, 2012, p.85)

E, neste sentido, Martin Buber (2004), com a obra **Eu e Tu**, apontou que o sentido do conceito de relação é essencial entre os seres humanos. Isto significa dizer que a existência humana é, por si, dialógica, sendo o homem um ser de relação. O autor apresenta duas relações do homem face ao mundo ou do ser: uma de caráter experimental ou usual de alguma coisa, denominada EU-ISSO; e outra, de caráter dialógico, denominada EU-TU. O humano nasce na relação eu-tu e eu-isso.

Na primeira, o Eu é um sujeito de experiência e de conhecimento, que se defronta ao objeto que deve ser explorado. Trazendo para o contexto deste artigo, poderíamos relacionar EU-ISSO com a relação do homem com a tecnologia, em que a informação e a comunicação são utilizadas como uma experiência, algo que permite conhecer o mundo, para impor-se diante dele.

Na segunda, o homem se relaciona com outro sujeito, que pode ser outra pessoa, ele mesmo ou qualquer ser que esteja presente no face-a-face. Nesta, Eu e Tu coparticipam do diálogo e se defrontam em uma relação de alteridade essencial. Na visão do autor, é a relação de maior valor existencial, onde a invocação encontra sua verdadeira e plena resposta.

Porém, muitas vezes o homem reduz o outro a mero meio para se alcançar um fim, de forma unidirecional, transformando o TU em ISSO, ou o ISSO em ELE ou ELA, assumindo o regime de dominação, monopólio e conseqüente monólogo e isolamento.

“Relações humanas são ricas e são confusas e são exigentes.” (TURKLE, 2012) E, ainda, “o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciadores, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 2012, p.85) Este processo é

V COMcult

o que custa o virtual?

contínuo e impõe esforço de compreensão, disponibilidade de tempo e dedicação, ações complexas que, para sua validade não podem ser simplificadas. Kunsch conclui:

A compreensão humana resulta, pois, nesse sentido, de um empenho comunicativo-compreensivo. Mais: pluralogia acrescenta, soma. O desprezo, a arrogância, o preconceito, o etnocentrismo, o reducionismo e outros vícios, não. Mutilam. Empobrecem a compreensão do mundo. (KUNSCH, 2008, p.183).

À luz da complexidade da compreensão humana, Morin afirma:

Assim, os obstáculos à compreensão são múltiplos e multiformes: os mais graves são constituídos pela cadeia egocentrismo/autojustificação/*self-deception*, pelas possessões e reduções, assim como pelo talião e pela vingança – estruturas arraigadas de modo indelével no espírito humano, que ele não pode arrancar, mas que ele pode e deve superar. (MORIN, 2000, p.99).

E a incapacidade de compreensão de si gera também incompreensão do outro e, portanto o desconhecimento do todo. Morin partilha que, “de fato, a incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão de outro.” (MORIN, 2000, p.97) e complementa afirmando que “a incapacidade de conceber um complexo e a redução do conhecimento de um conjunto ao conhecimento de uma de suas partes provocam consequências ainda mais funestas no mundo das relações humanas que no do conhecimento do mundo físico.” (MORIN, 2000, p.98).

A tendência, nestes casos de incompreensão, é criar uma realidade imaginária. “As trocas de significação realizadas no sentido de relacionar ação e observação a códigos, dentro de um programa de desenvolvimento cultural, criam configurações generalizadas de significado” (BAUER, 2011, p.10). Sem ação de imersão, torna-se comum, cópia de algo conhecido. “As sociedades se constituem cada vez mais sob os moldes, códigos e modelos da mídia” (BAUER, 2011, p.20). E, este movimento pode trazer alienação.

“O imaginário fecundo, cuja importância social ora avaliamos, acha-se moldado por todos esses elementos que (nos) impelem a compreender nossas sociedades pela via de uma multiplicidade de razões” (MAFFESOLI, 2007, p.85).

Aí está um motivo de preocupação. “A ‘racionalização’ como mecanismo de defesa, termina por identificar-se com o subjetivismo. Ao não negar o fato, mas distorcer suas verdades, a ‘racionalização’ ‘retira’ as bases objetivas do mesmo.” (FREIRE, 2012, p.44).

V **o que custa o virtual?**

Ao propor que devemos insistir na nobreza da vida cotidiana, Maffesoli (2007) aponta que é possível compreender o misterioso e irreprímível querer-viver social.

A reflexão cujo principal cuidado não é o de ‘servir’ a alguma coisa, mas levar a pensar – eis uma irresponsável reflexão que, talvez, nada mais seja do que uma manifestação do dispêndio popular. É que ela não busca administrar, reformar ou revolucionar – mas exprimir, aos solavancos e de maneira inacabada, a vida social em seus desdobramentos, seus desvios e suas paragens. Numa palavra, ela integra um percurso que é tudo, menos seguro: que é vivido no dia-a-dia e que extrai desta precariedade a sua intensidade (MAFFESOLI, 2007, p.89).

Maffesoli (2007) complementa que deve-se levar em consideração, que vivemos em um mundo de muitas conexões, poucos vínculos e que o que vale é a sabedoria de viver junto, em coletivo.

3. TECNOLOGIA TRANSFORMA A SOCIEDADE

A predominante necessidade compulsiva pelo consumo da informação nos torna uma ‘sociedade de consumidores’. “Sociedade de consumidores se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo.” (BAUMAN, 2006, p.19).

Sherry Turkle (2012) chama atenção para este movimento:

Estamos ficando acostumados com uma nova forma de estar a sós juntos. As pessoas querem estar umas com as outras, mas também num outro lugar - conectadas com todos os lugares diferentes que queiram. As pessoas querem customizar suas vidas. Querem ir para dentro e para fora dos lugares em que se encontram porque o que mais lhes importa é o controle sobre onde colocam sua atenção. (TURKLE, 2012).

A tentativa do controle da informação é algo que o homem sempre buscou, afinal quem não quer escrever sua história? Bauman explica que sobre a modernidade líquida:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (BAUMAN, 2001, p.10).

Mas, as surpresas e os imprevistos existem e vivemos em um mundo de incertezas. Segundo Freire:

V COMcult

o que custa o virtual?

Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida. Daí que vão se apropriando, cada vez mais, da ciência também, como instrumento para suas finalidades. Da tecnologia, que usam como força indiscutível de manutenção da ‘ordem’ opressora, com a qual manipulam e esmagam. (FREIRE, 2012, p.52).

Além disso, o impulso a ‘exibição pública’ do ‘eu’ inserido às redes virtuais é uma grande tentação de promoção pessoal que promete satisfação. Bauman (2006) apresenta uma visão crítica sobre esta exibição na Internet:

As pessoas, aparentemente distintas, são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. São, ao mesmo tempo, os promotores da mercadoria e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e os seus vendedores. (BAUMAN, 2006, p.13).

Turkle considera que esta tentativa de definir e dominar seu mundo influencia o entendimento das pessoas sobre elas mesmas.

A constante conexão está mudando a maneira como as pessoas pensam sobre elas mesmas. Está modelando uma nova maneira de ser. (...) Quase não sentimos a nós mesmos. Então, o que fazemos? Conectamos cada vez mais. Mas, no processo, nós estabelecemos nosso próprio isolamento. (TURKLE, 2012).

Ora se o acesso à internet é fator importante para nos manter atualizados dos acontecimentos, ele também é a forma mais utilizada de nos incluir nos acontecimentos para conhecimento dos outros. E “a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.” (MORIN, 2001, p.16).

Entretanto, a quantidade de informações disponíveis é enorme, o que torna inviável desenvolver a percepção do que é real ou irreal, parcial ou completo, inovador ou cópia. “Fato é que, com distorções mais ou menos importantes, com distâncias mais ou menos notáveis, aquelas construções traduzem preocupações, desejos, ilusões ou práticas sociais específicas.” (MAFFESOLI, 2007).

Segundo Paulo Freire:

A palavra pessoal, criadora, a palavra repetida é monólogo das consciências que perderam sua identidade, isoladas, imersas na multidão anônima e submissas a um destino que lhes é imposto e que não são capazes de superar, com a decisão de um projeto. (FREIRE, 2012, p. 23).



E, como consumidores que fazem parte de uma sociedade do consumo, queremos ser atrativos, para isso, nos transformamos facilmente em mercadorias. “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2006, p.22).

O ser humano chama atenção, quer ganhar destaque e notoriedade para que possa ter relacionamentos com outros seres, mesmo que não seja de um modo saudável, através do domínio.

4. DEPENDÊNCIAS VITAIS: INFORMAÇÃO E SAÚDE

Pesquisas divulgadas na imprensa apontam altos números de consumo de informações digitais. “Nossa sociedade cada vez mais ‘plugada’, ou, para ser mais preciso, sem fio.” (BAUMAN, 2006, p.07).

Esta busca incessante da sociedade, por sua vez, pode causar sentimentos de frustração acarretados pela sensação de insuficiência e incompetência humana que não consegue acompanhar a velocidade da tecnologia. “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta de poder e da dominação.” (BAUMAN, 2001, p.16).

Este consumo ocupa grande parte do tempo das pessoas, o que as impede de se relacionarem com outras pessoas. Diante disso, Turkle (2012) afirma que esperamos mais da tecnologia e menos um do outro.

Pesquisa recente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP, 2011) demonstra com números assustadores que esta é uma tendência mundial:

A cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na Internet e são publicados 200 milhões de tuítes; a cada minuto são disponibilizadas 48 horas de vídeo no YouTube; e cada segundo um novo blog é criado. 70% das pessoas consideram a Internet indispensável. Em 1982 havia 315 sites na Internet. Hoje existem 174 milhões. (FIESP, 2011).

“A vida social já se transformou em vida eletrônica ou cibervida” (BAUMAN, 2006, p.08). E no Brasil não é diferente, segundo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a população brasileira está formada por 190.732.694 pessoas, sendo que

V COMcult

o que custa o virtual?

mais da metade já são internautas. De acordo com a pesquisa da FIESP, divulgada em 2011, o F/Nazca apontou que o Brasil possui 81,3 milhões de internautas (a partir de 12 anos) e o Ibope/Nielsen, 78 milhões (a partir de 16 anos - setembro/2011).

Outra importante pesquisa do Hitwise², identificou qual a capilaridade deste consumo nas diferentes regiões do país. A região Sudeste mantém a liderança do ranking, com 61,25% das visitas, seguida pelas regiões Sul com 16,04% e Nordeste com 12,35%. Já as regiões do Centro-Oeste e Norte possuem menores representatividades de consumidores conectados, com 7,12% e 3,24% respectivamente.

Uma parte da população não considerada nesta pesquisa é formada por crianças e idosos, que não estão isentos na Internet, portanto os números ainda poderiam ser maiores. É fato que há um grande compartilhamento da comunicação midiaticizada, e segundo estas pesquisas o crescimento ano a ano é agressivo em todas as regiões do país, demonstrando que há uma clara alteração organizacional.

A fragmentação da competência de ação – mesmo se relacionada a um processo compartilhado de comunicação e mutuamente proposta de ser levada à prática em um ambiente infra-estrutural tecnológico e organizado pela mídia – em dois domínios, o da produção (provendo, agindo) e o do consumo (utilização, reação), obviamente, é a conclusão lógica pragmática quando se observam as condições técnicas, organizacionais e econômicas como plataforma organizacional para a mediação, “medicalização” ou midiaticização de todos os tipos de comunicação social. (BAUER, 2011, p.11).

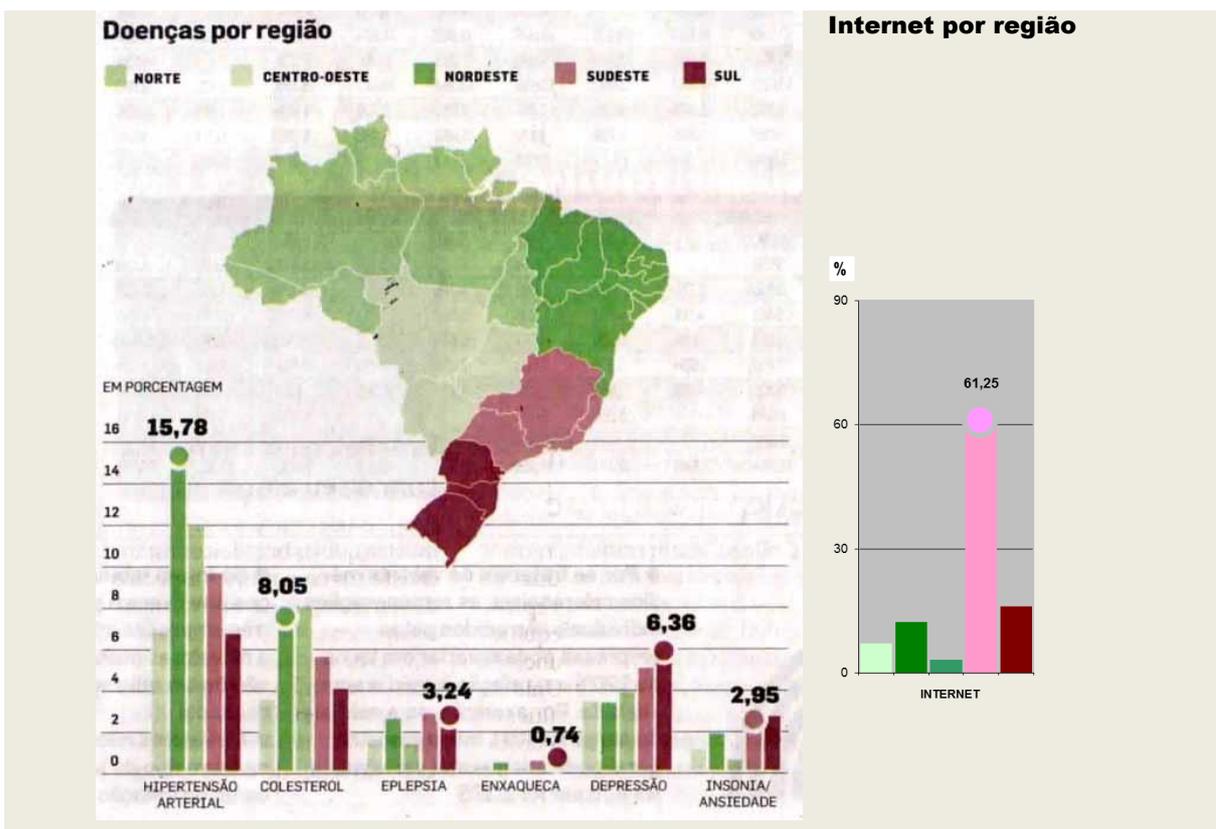
É possível que esta mudança de comportamento da contemporaneidade afete no estilo de vida da sociedade, e conseqüentemente altere também as situações de saúde do brasileiro. Outra pesquisa, porém agora relacionada ao cenário de saúde das pessoas, divulgada recentemente no Jornal O Estado de São Paulo (2012), identificou que as regiões Sudeste e Sul possuem grande quantidade de pessoas que compram medicamentos para doenças mentais como depressão, insônia e ansiedade, além de hipertensão e colesterol que lideram no ranking em todo Brasil.

O gráfico 01 elucidada esta relevante pesquisa, que analisou cerca de 150 mil trabalhadores compradores de medicamentos com receita médica, decorrentes de diagnósticos

² Hitwise é um serviço da Serasa Experian que monitora o comportamento na internet de mais de 500 mil pessoas espalhadas geograficamente de maneira que representem a distribuição da população online brasileira, em mais de 270 mil websites do Brasil

dos profissionais médicos de seus planos de saúde, não contemplando a automedicação, por exemplo.

Gráfico 01 – Doenças e Consumo de Internet por região do Brasil



Fonte: Jornal Estadão, 2012.

Não podemos afirmar que o aumento do consumo de medicamentos por conta de pessoas doentes é consequência do excesso de conexão à internet e alto recebimento de informações, mas podemos dizer que onde há informação conectada há também ‘medicalização’ da população.

A tecnologia é mais um canal de acesso à informação e comunicação, e este vem ganhando grande relevância e penetração em toda sociedade, muitas vezes causando situações de dependência. E, o medicamento é o indício de que o indivíduo já adoeceu, que não houve ação de prevenção e cuidado prévio para evitar estas enfermidades.

V COMcult

o que custa o virtual?

“A tecnologia está tentando redefinir a conexão humana - como cuidamos uns dos outros, como cuidamos de nós mesmos - mas também nos oferece a oportunidade de afirmar nossos valores e nossa direção.” (TURKLE, 2012) Sim, há uma relação bem contraditória sobre os impactos da tecnologia no ser humano. E a questão chave é o que é necessário fazer para lidar bem com este consumo?

Morin (2001) traz alguns saberes, apresentados como essenciais para todos os humanos do século XX, que possuem problemas fundamentais de vida e de morte e estão unidos em um mesmo planeta.

É necessário ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra. (MORIN, 2001, p.76).

Cabe a nós este aprendizado. Entender que o todo não é igual às partes, e que o indivíduo se comunica na internet em partes, assim como se comunica em outros meios de comunicação também em partes, mas há um todo muito maior a ser desvendado. E este é um dos grandes desafios humanos.

Paulo Freire (2012) defende o processo de alfabetização como uma ação humana libertadora que permite conscientizar. E Fiori (2012) descreve muito bem a pedagogia de Freire, destacando a importância da educação ao indivíduo considerando a troca necessária entre a cultura singular e a global.

Ao objetivar seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros, companheiros de seu pequeno ‘círculo de cultura’. Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, ex-surge a comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, re-criam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’. (FREIRE, 2012, p.14).

Enfim, como afirma Maffesoli (2007) é possível ser melhor, porque é possível ser plural. E o plural integra, dialoga, relaciona e conecta o eu com o todo.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS PARA UMA NOVA FORMA DE COMPREENDER

Com base neste estudo, verifica-se a importância de um novo olhar para a comunicação, que, como vimos, atualmente está tão presente e possui tanta influência no ser humano. Afinal, “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia” (MORIN, 2001, p.21). Uma cabeça cheia significa com grande acúmulo de dados, com saber acumulado, já uma cabeça bem-feita significa que está apta para entender e tratar de problemas e que possui princípios para organizar os conhecimentos e ligar os saberes, dando-lhes sentidos.

“A comunicação não garante a compreensão. A informação, se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão.” (MORIN, 2000, p.94). Vale considerar também que “entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação.” (FREIRE, 1982, p.46).

Mas em contrapartida a comunicação, de acordo com Thomas Bauer (2011) é a construção do conhecimento e prática social do ser humano.

Complementando, para esta transformação da sociedade, Freire aponta a necessidade da ativação consciente, considerando que “num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (FREIRE, 2012, p.45).

Neste contexto, a reflexão passa pelo desenvolvimento crítico sobre os *media*, tão presentes no cotidiano. Este entendimento aprendido torna-se um novo processo de inteligência e conexão social que reconstrói as relações humanas e estimula a cidadania.

As sociedades são exatamente aquilo que se constitui durante sua comunicação, e que sua existência e comunicação nunca são livres da mídia, então, os conceitos de competência para a mídia e alfabetização para as mídias não são apenas medidas de avanço público, mas muito mais conceitos de valor público. (BAUER, 2011, p.18).

Sempre compreendendo a complexidade das relações humanas. “O ‘bem pensar’, segundo Morin (2000) permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo. E “se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações” (MORIN, 2000, p.100).



Precisamos refletir sobre como queremos captar, processar, selecionar e arquivar as informações que recebemos, de forma que possamos manter a cabeça bem-feita.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Thomas A. **O valor público da Media Literacy**. São Paulo, LÍBERO – v. 14, n. 27, p. 9-22, junho de 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Os segredos mais bem guardado da sociedade de consumidores**. In: **Vida para consumo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p.7-35.

BAUMAN, Zygmunt. **Ser leve e líquido**. In: **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p.7-22.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

Convergência Digital. **Acesso à Internet segue com forte desigualdade no Brasil**. - 18/04/2011.
Disponível em:
<<http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=25956&sid=4>>
Acesso em: 19 de jul. 2012

FIESP, et al.. **Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil**. - 23/09/2011.
Disponível em:
<<http://www.fiepr.org.br/redeempresarial/cidadedigital/News18089content150292.shtml>>
Acesso em: 19 de jul. 2012

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 93p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Novembro de 2010.
Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>
Acesso em: 19 de jul. 2012

Jornal Estadão – O Estado de São Paulo. São Paulo: Caderno de Empregos, página E3, 29 de jan. 2012. (jornal)

KUNSCH, Dimas A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KUNSCH, Dimas A. e BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação: saber, arte ou ciência**. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.



o que custa o virtual?

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª. Edição, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

TURKLE, Sherry. **Connected, but alone?** FILMED FEB 2012 • POSTED APR 2012 • TED2012.
Disponível em: <http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together.html>
Acesso em: 19 de jul. 2012.